



Mutirão e trabalho coletivo: embrião da cooperação no assentamento 02 de Julho em Betim/MG

Joint Effort and Collective Work: The Embryo of Cooperation at the 02 de Julho Settlement in Betim/MG

HORACIO, Amarildo de Souza¹; HORACIO, Marília Conceição de Souza²; SANTOS, Rosilene Barbosa; NASCIMENTO, Cláudio Ferreira do; CRODA, Jéssica Puhl³; MARQUES, Viktor Silvério³; IUNES, Camila Silva³

¹ Movimento dos Trabalhadores de Rurais Sem Terra, jessicaproda@gmail.com

² Viveiro da Esperança, mariliaconceicaodesouza@gmail.com

³ Coopertrac, coopertracparaopeba@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas

Apresentação e Contextualização da experiência

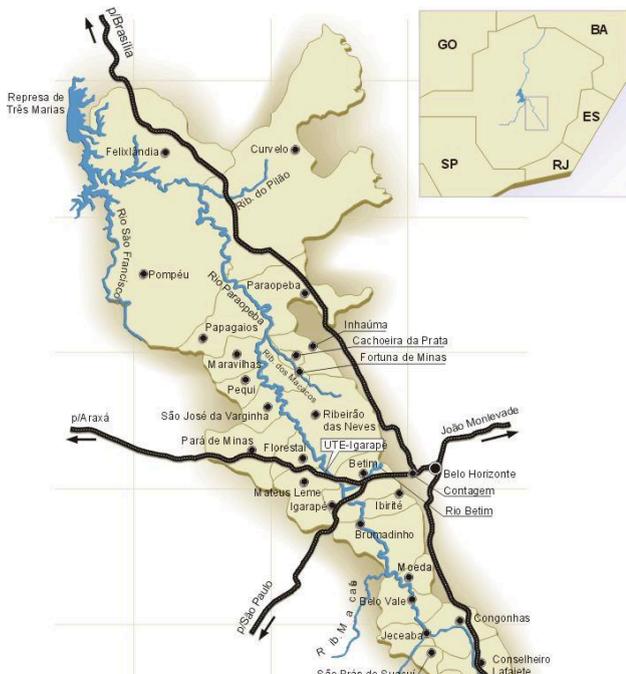


Figura 1. Localização da fazenda Ponte Nova – Vinhático em Betim, MG.

Assim o assentamento 02 de Julho surgiu a partir da ocupação em 02 de julho de 1999. Sendo a primeira ocupação do MST na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cerca de 102 famílias ocuparam a então Fazenda Ponte Nova / Vinhático às margens da rodovia estadual MG-050 e banhada pelo Rio Paraopeba e integra as fronteiras dos municípios de Betim, Juatuba e Esmeraldas.

A primeira ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Minas Gerais ocorreu na fazenda Aruega em 12 de fevereiro de 1988 no município de Novo Cruzeiro no Vale do Mucuri. O Assentamento 02 de Julho é fruto desse legado histórico de luta pela terra. Somos sem terras organizados pelo MST.

A mobilização das famílias e ocupação da fazenda Ponte Nova - Vinhático (vide figura 1), se deu através do acúmulo de experiência do MST que na sua origem era movimento camponês, toma-se a decisão político-organizativa de se expandir para as áreas urbanas em um cenário de luta conjunta entre o campo e a cidade.



Figura SEQ Figura * ARABIC 2 - Acampamento 2 de Julho, Betim, MG (1999).

Os assentados e assentadas, outrora acampados vieram de origens e ocupações diversas: carpinteiros, pedreiros e muitos desempregados Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH); mas, a predominância é de camponeses expropriados ou ligados ao campo e que tiveram, por razões diversas, cerceadas suas possibilidades de continuarem vinculados à terra e que tiveram no acampamento a oportunidade de retorno às origens.

O decreto de desapropriação do assentamento 02 de Julho foi assinado em 2009. Desde então ele está se consolidando como política de reforma agrária com produção diversificada para subsistência das famílias.

A conquista do assentamento foi um momento de reencontro com a terra. Momento de muita luta e resistência que passaram mais de 10 anos até a desapropriação. Foram anos duros debaixo de lona preta, em barracos de bambu e em casas de pau a pique. Todavia isso não impediu que fizessem o que mais sabiam: lavrar a terra. Foram muitos hectares “amansados” que produziram culturas anuais de milho, feijão das mais variadas espécies, arroz, hortaliças, milho de pipoca, amendoim, mandioca, abóbora, criação de galinhas, de porcos entre outras, mostrando desse modo a diversidade da agricultura.

A produção, ainda convencional, foi pautada sempre no início pelo princípio da coletividade. Foram anos com a construção e manejo de hortas coletivas, com a produção de quiabo, que era vendida e revertida o recurso para as finanças do assentamento, com destaque para a produção de mandioca, um dos carros chefe até os dias de hoje.



Figura SEQ Figura * ARABIC 3 - Manejo Agroflorestal no assentamento 2 de Julho, Betim, MG (2022).

Todavia com o advento do assentamento oficialmente no ano de 2009 iniciam-se novos desafios. A prioridade foi a de aberturas de estradas, construção de casas e cercamento dos lotes. Mantém-se logicamente os quintais produtivos, mas a chama da cooperação e da coletividade foi esmaecida com o sentimento de que cada um precisa cuidar do “seu” lote na tentativa da soberania alimentar e a auto sustentação econômica a partir da terra. Destaque que a descontinuidade do acesso ao crédito nos apoios iniciais foi mais um elemento que fez dessa nova vida no lote se tornar mais desafiante.



Figura 4- Mística dia de Campo (2021).

Assim, estabelecer um discurso de coletividade dentro de um território com mais de 23 anos de lutas, de uma terra onde historicamente predominou pastagem e não tem fontes de água abundante é um grande desafio para afirmar uma



identidade que privilegie a agricultura familiar e a produção sustentável na reforma agrária. Nesse sentido a agroindustrialização dos produtos, o acesso à água (poços artesianos), assessoria técnica para projetos produtivos, a geração de renda pensada de forma criativa para a juventude e o escoamento da produção são imperativos para o avanço econômico e o bem-estar dos assentados.

Pensando que atualmente a agricultura baseada no monocultivo está fadada ao fracasso para os pequenos produtores pela falta de implementos e pensando que já estamos na terceira geração, agora com os netos, e queremos que esses mantenham vínculo com a terra, surge a proposta de geração de renda pela experimentação dos Sistemas Agroflorestais (SAF).

Há que se destacar nesse contexto histórico que com o advento do crime de Brumadinho em 2019, onde a lama da barragem da Vale matou gente e destruiu sonhos, vidas e projetos. No dia 25 de janeiro de 2019, ocorreu na cidade de Brumadinho, um dos maiores crimes/desastres já visto na história, com mais vítimas fatais, foram ceifadas vidas de 272 pessoas, deixando um rastro de desespero e desrespeito tanto com a vida humana quanto com o meio ambiente. Contraponto desse modelo perverso de destruição, o MST da Regional Metropolitana juntamente com outros Movimentos Sociais trava batalhas incessantes denunciando a para a sociedade os crimes que essas empresas cometem. Nossa luta é pela construção de uma reparação que fará justiça a centenas de famílias acampadas, assentadas e ribeirinhas. Defendemos a criação de políticas e legislação para frear o poder do mineroduto sobre o meio ambiente e os seres humanos. Nossas práticas são sementes de coletividade, em um assentamento que completará no ano corrente 24 anos de lutas, contradições, trabalho e construção coletiva.

Desenvolvimento da experiência

A experiência define-se como o Coletivo Orgânicos, grupo de 12 famílias, que se identificam com o MST e que vêm plantando experiências de cultivos experimentais de agrofloresta e cooperações informais por meio de mutirões de trabalho coletivo desde o ano de 2021. As experiências têm sido capitaneadas muitas vezes sobre a liderança de mulheres e conta com a participação de crianças, adolescentes, jovens e idosos.

A experiência foi um reencontro com o MST. No segundo ano da pandemia de COVID 19 em 2020, 02 famílias começaram a debater: Como mexer na produção agrícola sustentável? Como produzir em quantidade e preservar o meio ambiente o solo? E a partir daí veio a ideia da construção de Sistemas Agroflorestais (SAF). Um dos princípios básicos para o trabalho com agroflorestas é o estudo e assim nos debruçamos para entender o que queríamos produzir e como começar a construir uma agrofloresta no Assentamento 02 de Julho.

As reflexões do grupo nem sempre são consensuais nem sem contradições, mas algum princípio nos rege, quais sejam: o **trabalho ecológico**, a **tomada de decisão coletiva** e a **cooperação** entre as famílias. Nosso desafio é construir a



cooperação todos os dias, num cenário ainda de muitas pessoas que já tiveram outras experiências de coletivo, mas estão desacreditadas. Somos 12 famílias cooperando diariamente com foco na implantação de Sistemas agroflorestais no agroecossistema.

O planejamento de cada sistema é construído junto com a família, que define quais espécies gostaria de produzir, qual quantidade, levando em consideração a força de trabalho, o acesso a água e o sistema natural já existente, quais espécies de árvores referente ao nosso bioma mata atlântica, e desenhos dos croquis da SAF. Cada planejamento familiar é socializado com o Coletivo, que torna o planejamento coletivo geral. É compartilhado com todos o que será implantado em cada agroecossistema. Nas reuniões do Coletivo é que são combinados quantos dias trabalhar em coletivo, quantas horas e quais os cronogramas de trabalho entre outros assuntos.

Destaco que a despeito de outras experiências garantimos a equidade de recebimentos de insumos, mecanização, como palhadas, entre outros. Da parte do MST ocorria, o que até então não era de conhecimento da comunidade, embates e debates com a Vale S.A, e por ter além do assentamento 02 de Julho, mais duas comunidades às margens do Rio Paraopeba atingidas pelo crime de Brumadinho, conseguiu a aprovação de um programa de assistência técnica intitulado Coletivo Agroecologia Paraopeba, com acompanhamento de técnicos, além dos fornecimentos de insumos, ferramentas e mudas. Abaixo esquematizamos um pouco as ideias que sentimos e o que estamos fazendo:



Figura 5 - Experiência de Agrofloresta implantada (2022).

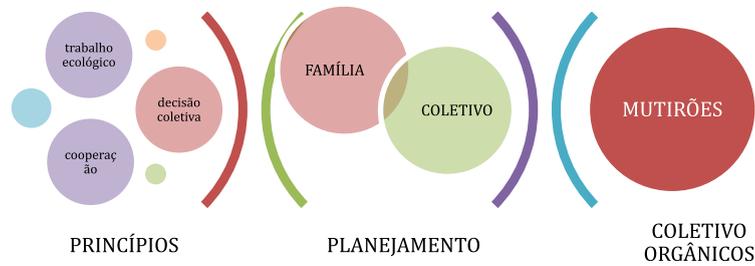


Figura 6 - Experiência Coletivo Orgânicos (2021).

Nesse sentido, afirmamos que foi um reencontro com o MST justamente por isso. De um lado estávamos no embrião de organização da Coletividade no assentamento e, por outro, víamos chegar o que esperávamos há anos, uma equipe de assistência técnica, que era formada com técnicos qualificados para atuação em contexto de Reforma Agrária e SAF. As experiências de organização coletiva se intensificaram depois do contato com a experiência da assistência técnica. Os encontros de saberes (assembleias da comunidade) e as rodas de diálogo (contato direto da assistência técnica) foram formando embriões da coletividade.

A assistência técnica e Coletivo Orgânicos foram se retroalimentando no que tange a experiência prática e as concepções de agroecologia e agroflorestas. Enfim um verdadeiro encontro de saberes. No que se refere ao assentamento, aos poucos o coletivo tomou forma e se consolidou no trabalho de uma família ajudar a outra no manejo de seus lotes. Os Mutirões se tornaram um grito de ordem que ecoava em cada lote e trazia consigo o renascimento da mística da coletividade Sem Terra dentro do assentamento. Era semente brotando!

Desafios

Muitos são os desafios enfrentados, mas maiores são os desejos de seguir em frente. Temos as limitações de cada um, seja físico, social ou de formação da consciência. Temos um limite muito grande que é a falta de água para as famílias. Prevendo essa dificuldade as famílias em conjunto decidiram iniciar preparar os locais de implementações com antecedência, para na época de as chuvas fazer somente os plantios. As famílias cooperaram mutuamente durante o mês de outubro e novembro, fizemos a roçada da braquiária com o maquinário e, após, organizamos as em montes e transportamos até os lotes.

A forragem é de extrema importância pois ela é a *pele* do solo, com ela gastamos menos água, o solo fica úmido por mais tempo, evita a compactação e ele não chega em alta temperatura. Desse modo enriquece permitindo que a microbiótica do solo se estabeleça e ele se regenere com mais facilidade.



A forragem é um ponto de muita divergência por parte de agricultores que não entendiam o porquê de carregar braquiária e muitos achavam desnecessário. Destaque-se que a área do assentamento é rica em pastagem (braquiária) do cultivo da época do fazendeiro e que pelo fato das áreas implantadas estarem embrionárias e não terem forrageiras e adubadeiras a braquiária, que antes era tida como uma vilã, se tornou uma aliada à forragem do solo.



Figura 7 – Colheita da palhada para forragem do solo (2021).

Principais resultados alcançados

No Assentamento realizamos a implantação de 12 sistemas agroflorestais, implementados através do coletivo nos dias de mutirão, que se tornaram um local de encontro entre as famílias, que por vezes nem se visitavam mais, além de trazer a alegria do encontro, momentos de distração entre as famílias. O Coletivo de famílias vem se consolidando de forma organizada no território, as famílias trocam conhecimentos e experiências, aplicando os saberes agroecológicos nos seus lotes. A produção agroecológica para subsistência vem aumentando, junto com a melhoria da fertilidade do solo com a utilização de cobertura do solo, um dos princípios mais adotados pelas famílias, que passaram a substituir a capina pela roçada.

Cada SAF é único, pensado e construído de acordo com a realidade e objetivo de cada família. Os SAF são diversificados e as principais espécies frutíferas presentes são as mexericas, laranjas, limões, bananeiras, abacates, frutíferas nativas como a pitanga, jabuticaba, sem falar de os cafés e a produção agrícola em geral. Os sistemas são voltados principalmente para a subsistência das famílias. Algumas famílias conseguem comercializar o excedente, mas na maioria das famílias os SAF estão nos primeiros anos de implantação.



Disseminação da experiência

Os dias de mutirão são abertos para a sociedade que queira participar, recebendo visitantes e parceiros. Realiza-se os intercâmbios entre os territórios Sem Terra da regional metropolitana de Minas Gerais e de outros estados, para conhecer e trocar experiências agroflorestais e agroecológicas com os outros territórios.